

UMA MULHER SEM NOME: GUIBERTO DE NOGENT E O MODELO DE PERFEIÇÃO FEMININA NO MEDIEVO (SÉCULO XII)

Carlile Lanzieri Júnior - UFES

As mulheres estão na pauta do dia dos estudos dos historiadores da atualidade. Com o avanço do movimento feminista e das pesquisas sobre relações de gênero desde os anos 60 e 70, elas não são mais esquecidas, como foram em outras épocas. Falar sobre elas sempre foi difícil, devido aos poucos vestígios do passado por elas mesmas produzidos. Geralmente, o que se consegue conhecer são imagens disformes feitas por homens que apenas diziam como elas deveriam ser e o que deveriam fazer.¹ À medida que se aprofunda no tempo, as fontes tendem a se tornar escassas e dúbias.

A mulher medieval é um mistério. Georges Duby disse que somente se aproximava delas em depoimentos indiretos de padres e monges.² Um desses depoimentos foi dado pelo abade beneditino Guiberto de Nogent (1055 – 1125), no primeiro livro de sua autobiografia, *De vita sua*.³

Quando falou de sua mãe, Guiberto destacou a sua beleza, mas deixava claro que seu nascimento nobre, riqueza e boa aparência seriam obras do Senhor e ela não valorizava tais atributos. O abade afirmou que as pessoas não deveriam se gabar desses dons para não serem consideradas luxuriosas. A beleza era uma amostra da perfeição divina. Caberia às pessoas saber usá-la. Advertiu: demônios se disfarçavam de anjos para corromper os homens. Era preciso cuidado para não cair em tentação. Para Guiberto, a virtude ser belo deveria estar associada à de ser bom. Em seu pensamento, sua mãe soube associar bela aparência com bondade e temor a Deus. Não se curvou aos prazeres carnavais. Dava respostas negativas aos galanteios que recebia.⁴ O abade encantou-se com seu comportamento casto, agradecendo a Deus pela virtude e modéstia que havia inculcido na beleza de sua mãe.

A mãe de Guiberto casou-se aos doze anos. Não nasceram filhos nos primeiros sete anos de sua união. A situação incomodava seu esposo, que revelou sua insatisfação aos seus

parentes. Estes tentaram anular o enlace e destinar o rapaz à vida monástica. Por trás da possível anulação, existiam interesses patrimoniais. Um casamento sem herdeiros comprometeria a manutenção da linhagem.⁵ O esposo não aceitou. Mostrou virilidade engravidando uma mulher que perdera a criança tão logo nascera. Guiberto condenou o ato libidinoso de seu pai. Nada falou da reação de sua mãe. Insatisfeita, a parentela voltou-se contra a esposa infrutífera.

A jovem ignorou as investidas. Comportou-se exemplarmente diante dos ataques. Novamente seus parentes não conseguiram lograr êxito. Como se isso não bastasse, ainda teve que lutar contra homens que tentavam seduzi-la. Com ajuda divina manteve o seu autocontrole e não se deixou corromper. As únicas passagens de *De vita sua* nas quais essa mulher teve atitudes mais incisivas foram aquelas em que sua castidade foi ameaçada.⁶ Guiberto admirava a postura de sua mãe. Exemplo raro para ele, pois a castidade que ela defendia já não era tão comum entre mulheres casadas daquele tempo. Afirmou:

Entre mulheres casadas, a realidade, e mesmo a aparência, de reserva desapareceu. Na conduta delas, não exibem nada, exceto um humor grosseiro; nada, exceto piadas, piscadelas de olho, balançando a língua. Elas caminham de jeito provocante e só mostram tolices em seu comportamento.⁷

Guiberto repudiava as mulheres pecadoras. Sua mãe era nobre e se comportava como tal. Mas este não era o centro de sua vida. Seus valores eram outros. Preocupava-se em manter a modéstia e o temor a Deus controlando seus desejos.

A mãe de Guiberto demorou, mas atendeu os deveres do casamento. Entregou-se aos afazeres de esposa, tornando-se mãe. Guiberto de Nogent foi seu último filho. Para salvar mãe e filho de um parto complicado, o pai dedicou a criança à vida religiosa. Ambos escaparam. Guiberto falou apenas de um de seus irmãos, que também era monge. Não disse nada sobre uma possível proximidade que estes teriam com sua mãe. Provavelmente, foram retirados bem jovens dos braços maternos para serem preparados para a cavalaria, o que não foi o caso de Guiberto. Prometido desde antes do nascimento à vida religiosa, acabou ficando junto dela, que zelou pela sua educação e para que o juramento que salvara suas vidas não fosse desfeito.

Mantendo-se limpa, a mãe de Guiberto se comportou da forma que se esperava de uma mulher cristã. Só foi maculada com o objetivo de cumprir o seu papel de procriadora. Elogiar sua mãe seria uma provável forma de Guiberto exaltar a castidade. Exemplo para seus leitores. Uma bela amostra da pedagogia monástica.

Guiberto contou que sua mãe enfrentou novas provações depois de se tornar viúva, uma vez que seu marido morrera após se tornar prisioneiro de guerra. Sozinha para gerir seu patrimônio, seus parentes tentaram lhe tomar as possessões de seu finado esposo. Sua reação foi orar. Determinada, não se rendeu aos gananciosos. A firmeza e fé demonstradas fizeram com que seus opositores reconhecessem sua honestidade e não a importunassem mais.

Viúva, mas ainda jovem e bela, a mãe de Guiberto voltou a despertar o desejo de outros homens. Não alimentou as esperanças de nenhum deles. Decidiu que seus votos matrimoniais seriam respeitados e não aceitaria propostas de casamento.

Essa prudente senhora continuou a nos proteger e nossas posses também, guiada por um grande temor a Deus e por um amor não menor por sua família e especialmente pelos pobres. A fidelidade que ela havia mostrado por seu marido enquanto ele esteve vivo, continuou a mostrar com fervor dobrado à sua alma. Ela não destruiu a união passada de seus corpos por entrar em um novo vínculo, uma vez que ele tinha partido.⁸

Sem o marido, a mãe de Guiberto se ocupava cuidando de seu caçula e de sua casa. Além disso, dava esmolas aos pobres e fazia com que os afazeres religiosos preenchessem seu tempo. Martirizava seu corpo atormentada pela memória de seus pecados passados.⁹

Eu a vi com os meus próprios olhos e toquei com essas mãos um silício que vestia sobre a sua pele, enquanto externamente estava vestida com elegância muito estudada. Mais do que apenas vesti-lo durante o dia, ela dormia com ele de noite, o que era um modo muito severo de tratar um corpo tão delicado.¹⁰

Passados doze anos, Guiberto contou que sua mãe decidira se recolher em um mosteiro. Instalou-se no episcopado de Beauvais. Em seguida, retirou-se para Saint-Germer de Fly, onde pouco tempo depois Guiberto também entraria. Morou em um casebre perto da igreja do mosteiro. Uma decisão dessas implicaria no abandono dos seus e de tudo que vivera até ali.

Muitos a condenaram, mas foi forte. Com o coração partido não voltou atrás em sua proposta.

Atitude aprovada por Guiberto em sua vida madura:

[...] sua compaixão [...] poderia ter sido a sua ruína, se ela tivesse nos posto à frente de sua própria salvação, negligenciando Deus por nossa causa, ela teria desviado a sua atenção para coisas mundanas.¹¹

Guiberto elogiou a escolha de sua mãe, pois ela havia optado pelo ideal de perfeição cristã: a vida monástica.¹² Em Fly, viveu com uma velha, que lhe ensinou a conduta de vida monástica. Outrora nobre e bela, aquela mulher mudou completamente.

[...] passo a passo, ela começou a imitar a austeridade daquela mulher mais velha, adotando a mesma frugalidade em comidas mais simples, fez o mesmo com os luxuosos colchões com os quais estava acostumada e foi contente dormir em uma esteira de palha, coberta com um simples lençol. Embora ela ainda fosse muito bela e não mostrasse nenhum sinal de envelhecimento, ela fez de tudo para parecer como se tivesse alcançado a velhice ou uma idade elevada com as rugas de uma velha. Seus cabelos ondulados, que normalmente são componentes essenciais do charme feminino, sucumbiram aos repetidos ataques de tesouras. Um manto negro com dobras largas, manchado por inúmeros remendos e reparos, servia como prova, ao lado de um pequeno e desbotado casaco e sapatos com solas desgastadas e sem reparos, de que ela estava se esforçando para conseguir ficar com uma aparência bem modesta.¹³

Diariamente, ela se confessava e orava atormentada pelos seus pecados. Era vista chorando espiritualmente angustiada. Às vezes, recebia a visita de pessoas de fora do mosteiro. Alguns a conheciam e apreciavam sua conversa. Ao perceber que algo inadequado fizera parte da sua fala, lamentava-se e se enchia de arrependimento.

Com Guiberto, ela viveu até que ele fosse eleito abade do mosteiro de Nogent (1104). Na época da escolha, demonstrou preocupação, pois ele era inexperiente em assuntos administrativos. Assim, separou-se em definitivo de seu filho vindo a morrer pouco tempo depois.

A leitura dos capítulos de *De vita sua* nos quais o abade falou de sua mãe nos permite perceber algumas das características que ele mais louvava nela:

- a) *Temor a Deus*: segundo Guiberto, sua mãe possuía devoção religiosa. Demonstrava arrependimento e era atormentada pelos pecados que havia cometido.

- b) *Negar seu corpo (beleza e sexo)*: a mãe de Guiberto demorou a ter filhos, rendendo-se ao sexo somente para procriar. Gerar filhos foi a função do sexo em seu casamento. Viúva, recusou novas núpcias, contrariando os desejos de seu corpo e de sua juventude. Dilacerava sua carne com um silício.¹⁴ Quando teve oportunidade, negou sua beleza cortando seus cabelos (símbolo da vaidade e condição social feminina) e passou a usar roupas que escondiam sua silhueta.¹⁵
- c) *Mãe dedicada*: desde cedo, preocupava-se com a educação de seu filho. Contratou um tutor e sempre lhe dava conselhos. Deixou sua vida de lado em benefício de sua cria. Seus sonhos e orações acompanhavam e protegiam Guiberto.

Essas três características aparecem nos oito capítulos de *De vita sua* nos quais o abade falou de sua mãe. Por elas percebe-se a idéia de que foi uma mulher verdadeiramente cristã aos olhos de seu filho. Como Santa Mônica, mãe de Santo Agostinho (354 – 430), não foi santa por ter realizado milagres, mas por ter negligenciado sua existência, dedicando-se aos seus homens (pai, marido e filho), e negado seu corpo (sexualidade).¹⁶ Guiberto, como Agostinho, atribuía tudo o que havia acontecido em sua vida às orações de sua mãe. Pecador confesso, estaria sempre protegido por elas.¹⁷

É importante destacar a influência das “Confissões”¹⁸ de Agostinho em *De vita sua*. O paralelo que o abade fez entre a vida de sua mãe e a de Santa Mônica é claro. Guiberto possuía ainda uma forte devoção mariana, sempre recorrendo a Maria em suas preces. Portanto, temos duas matrizes das quais partia o pensamento de nosso abade: a Virgem Maria e Santa Mônica. A primeira dedicou sua vida ao filho de Deus encarnado entre os homens. Igualmente dedicada, a segunda orou anos a fio pela conversão de seu filho ao catolicismo. Guiberto inse-riu a sua mãe nesses dois modelos de santidade.

Em sua pesquisa a respeito de São Luís (1226 – 1270), Jacques Le Goff perguntou se seria possível escrever uma biografia desse personagem e se ele teria existido.¹⁹ Ao fazer essas perguntas, Le Goff não duvidava da existência física desse soberano. Na verdade, queria

encontrar o homem atrás das fontes estudadas. Desejava ver o que se escondia sob a imagem de um rei que havia se tornado santo. No momento em que tentamos saber quem foi a mãe do abade Guiberto de Nogent, reformulamos as perguntas de Jacques Le Goff: a mãe desse abade existiu? Podemos reconstruir a trajetória de sua vida? Ao contrário do medievalista francês, nossas fontes são escassas. Não temos dúvidas de que ela existiu, porém não podemos afirmar que se possa encontrar na narrativa de seu filho traços claros que evidenciem sua individualidade. Guiberto poderia ter manipulado informações desejando dar maior amplitude às suas palavras e ações.

Uma leitura detalhada nos permite perceber que ela era uma mulher de alta nobreza. Isso despertou o interesse de muitos homens. Desfrutou de certa independência, pois foi capaz de lutar contra sua parentela. Não podemos afirmar muito além disso. Guiberto nem mesmo nos disse seu nome, o que nos afasta mais dela. Por que negar uma informação tão óbvia? Negligência? Ou o respeito que tinha por ela era tão grande que não se permitia informalidades? Seja o que for, as palavras de Guiberto são um importante testemunho de como o monacato entendia o comportamento feminino.

A mulher, personagem dúbio, herdeira de Eva pecadora e de Maria redentora,²⁰ não poderia escapar da esfera cristã. Guiberto, como bom abade, informou aos seus como elas deveriam ser e como elas deveriam agir. Talvez tenha usado sua mãe exemplarmente por ter sido ela o elemento feminino mais próximo que tivera em toda a sua vida.

Um outro fato que não pode ser deixado de lado é o contexto sócio-cultural em que Guiberto vivera desde a sua juventude: o mosteiro de Saint-Germer de Fly. Depois de já ter recebido uma educação rigorosa nos primeiros anos de vida, Guiberto entrou para esse mosteiro. Estava no início de sua adolescência e lá permaneceu recluso por décadas. Só saiu dali para se tornar abade de outro mosteiro. Praticamente tudo o que sabia em relação ao mundo que existia ao seu redor dava-se indiretamente. As informações que recebia estariam filtradas ideologicamente, pois um mosteiro era considerado pelos seus habitantes como um espaço perfeito

onde vivia uma sociedade perfeita.²¹ Tudo que estava fora dali representava a desordem e deveria ser evitado.²² Como beneditino, Guiberto deveria obedecer a um código de comportamento: a Regra de São Bento,²³ que vedava comportamentos tidos como subversivos. Sem dúvida, ele via o mundo influenciado pelo que sua instituição representava e pelas normas que seguia.

Diante das considerações feitas e das dificuldades impostas pela fonte, o caminho mais fácil a ser trilhado seria tentar entender como Guiberto pensava o comportamento feminino em seu tempo e qual seria o seu possível modelo de mulher cristã, partindo das qualidades que atribuiu à mãe e os momentos que mais destacou na vida dessa mulher.

Guiberto tinha uma visão muito clara em relação ao mundo. Tratava com desconfiança e repúdio tudo que a ele estivesse ligado,²⁴ inclusive as mulheres. As únicas mercedoras de crédito seriam aquelas que se enquadrassem em seus valores pessoais. Quase todas as outras mulheres que apareceram na narrativa de Guiberto, foram por ele descritas como seres libertinos e prontos para pecar. Verdadeiras Evas causadoras da perdição e da morte de muitos homens, muito diferentes de sua mãe.

Alguns estudiosos do pensamento do abade acreditavam que essa aversão de Guiberto às mulheres e ao sexo resultasse do relacionamento tão próximo e afetuoso que teve com sua mãe. Em estudos mais recentes, essa hipótese está sendo revista e ampliada, pois não levava em conta o contexto histórico e cultural do abade.²⁵ Possivelmente, todas as informações que recebia do exterior eram distorcidas pelos seus pares. Os monges acreditavam não ter sexo, vangloriavam-se de sua virgindade e tinham horror à mácula sexual.²⁶ O mundo e todos aqueles que nele viviam não eram mercedores de credibilidade. A sua mãe não se igualaria às outras mulheres por ter vivido uma vida de contensão sexual e devotada. Nos seus últimos anos de vida, recolheu-se em um mosteiro, negando seu corpo, sua beleza e tudo que havia sido anteriormente.

¹ SOIHET, Raquel. História das mulheres. In: CARDOSO, Ciro Flamarion; VAINFAS, Ronaldo (orgs.). *Domínios da História: ensaios de teoria e metodologia*. Rio de Janeiro: Campus, 1997, p. 295.

² DUBY, Georges. *A história continua*. Rio de Janeiro: J. Zahar / UFRJ, 1993, p. 152.

³ Edição crítica: ARCHAMBAULT, Paul J. *A monk's confession: the memoirs of Guibert of Nogent*. [S/l]: Pennsylvania State University Press, 1996 (a tradução para o português é nossa). *De vita sua* é o título moderno dado às memórias de Guiberto de Nogent. O nome original dado pelo abade é *Monodiai*. Essa obra possui 52 capítulos divididos em três livros. Para identificá-la, utilizaremos a sigla DVS seguida de dois números: o primeiro irá se referir ao livro e o segundo ao capítulo de onde a passagem transcrita foi retirada.

⁴ Quando Guiberto relaciona beleza e bondade, acreditamos que seja possível identificar alguns traços da concepção cristã de “corpo” e “alma” pensada por numerosos estudiosos cristãos ao longo de todo o medievo. O homem possuiria ambos: a alma (imaterial, criada e imortal) e o corpo (material, criado e mortal). O primeiro elemento estaria ligado à bondade e o segundo à beleza. Ter uma alma seria privilégio do homem e essa lhe seria dada por Deus no momento da concepção. A alma seria superior ao corpo, que, ao contrário da primeira, envelhecia e morria. Portanto, a alma seria superior ao corpo em todos os sentidos. O corpo também seria a expressão exterior da alma, mostrando todos os seus estados. Um santo, por exemplo, é sempre descrito como uma pessoa bela devido às suas qualidades interiores. Corpo e alma só seriam separados na morte, quando cada um teria um destino próprio. SCHMITT, Jean-Claude. Corpo e alma. In: *Dicionário temático do ocidente medieval 1*. São Paulo: Edusc / Imprensa Oficial do Estado de São Paulo, 2002, p. 253-267.

⁵ DUBY, Georges. *Idade Média, idade dos homens: do amor e outros ensaios*. São Paulo: Cia. da Letras, 2001, p. 15-16.

⁶ Os poucos momentos em que a vontade feminina se exprimia encontravam-se nesse tipo de recusa. As mulheres preferiam consagrar a Deus a sua virgindade a se entregarem aos designios impostos pela linhagem. BARTHÉLEMY, Dominique. Parentesco. In: ARIÈS, Philippe; DUBY, Georges. *História da vida privada 2: de Europa feudal à Renascença*. São Paulo: Cia. das Letras, 1999, p. 131.

⁷ DVS 1,12.

⁸ DVS 1,13.

⁹ José Carlos Reis afirmou que a dor na Idade Média tinha um caráter cultural diferente do que possui hoje. Para ele, entre os medievais existia uma arte de sofrer e a dor assumia um aspecto positivo, uma vez que permitiria a expiação dos pecados através do sofrimento voluntário. REIS, José Carlos. *O corpo na história*. Rio de Janeiro: Fiocruz, 1999, p. 56-57.

¹⁰ DVS 1,13.

¹¹ DVS 1,14.

¹² VAUCHEZ, André. *A espiritualidade na Idade Média ocidental: séculos VIII a XIII*. Rio de Janeiro: J. Zahar, 1995, p. 75.

¹³ DVS 1,14.

¹⁴ Entre os séculos XI e XII, a idéia de que o corpo era campo de ação para o pecado e não sua fonte já estava formada. Para o homem medieval, que vivia em um mundo corrompido, a luta contra o mal aconteceria através do controle rigoroso do seu próprio corpo, que poderia levá-lo a cometer todo tipo de erros e conduzi-lo à desgraça. Para superar essa situação, submetia-se a castigos e sofrimentos físicos. CASAGRANDE, Carla; VECCHIO, Silvana. Pecado. In: *Dicionário temático do ocidente medieval 2*. São Paulo: Edusc / Imprensa Oficial do Estado de São Paulo, 2002, p. 341-342.

¹⁵ MACEDO, José Rivair. *A mulher na Idade Média*. 5. ed. São Paulo: Contexto, 2002, p. 21.

¹⁶ Devemos advertir ao leitor que a mãe de Guiberto não foi canonizada.

¹⁷ “Santa Mônica é o modelo desta tarefa pedagógica vital: a formação da conduta moral e religiosa do filho.” COSTA, Ricardo da. Santa Mônica: a criação do ideal de mãe cristã. Disponível em: <www.ricardocosta.com/pub/stamon.htm>. Acesso em 22 de maio de 2005.

¹⁸ AGOSTINHO, Santo. *Confissões*. São Paulo: M. Claret, 2002.

¹⁹ LE GOFF, Jacques. *São Luís: biografia*. Rio de Janeiro: Record, 1999, p. 29.

²⁰ “Como uma longa duração mental, a História da mulher na Antiguidade tardia possui esta dualidade que permanecerá até o fim da Idade Média, uma característica própria do feminino cristão. Entre Eva e Maria. Entre o céu e o inferno.” COSTA, Ricardo, op. cit., nota 17.

²¹ FRANCO JÚNIOR, Hilário. *As utopias medievais*. São Paulo: Brasiliense, 1992, p. 15.

²² Quando a Ordem Cisterciense começou a sua expansão no início do século XII, uma das imposições capitulares era de que os novos mosteiros fossem construídos em regiões afastadas e de difícil acesso. COLOMBÁS, Garcia M. *La tradición beneditina: ensayo histórico (el siglo XII)*. Zamora: Monte Casino, 1993, tomo 1, p. 208.

²³ REGRA DE SÃO BENTO. Disponível em <www.ricardocosta.com/textos/bento.htm>. Acesso em 22 de maio de 2005.

²⁴ DUBY, Georges. *O cavaleiro, a mulher e o padre*. Lisboa: Dom Quixote, 1988, p. 104.

²⁵ LEVISKY, David Léo. *Um monge no divã: o adolecer de Guibert de Nogent (1055 – 1125?) uma análise histórico-psicanalítica*. 2004. Tese de Doutorado em História – Programa de Pós-graduação em História Social, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2004.

²⁶ DUBY, Georges. *Eva e os padres: damas do século XII*. São Paulo: Cia. das Letras, 2001, p. 36.